

CICLO DE CINEMA AINDA ESTAMOS AQUI: RELATO DA EXIBIÇÃO DO CINEMA INDIGENA BRASILEIRO.

JOÃO MIGUEL BUENO DA ROSA¹; DENISE MARCOS BUSSOLETTI²

¹Universidade Federal de Pelotas – buenomiguel016@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – denisebussoletti@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O projeto “Ciclo de Cinema Ainda Estamos Aqui”, é uma atividade de extensão do Programa de Educação Tutorial Fronteiras: Práticas e Saberes Populares e tem como objetivo promover reflexões sobre a realidade, a memória, a resistência e a diversidade cultural do povo brasileiro por meio do cinema. Inspirado no longa-metragem Ainda Estou Aqui (2024), dirigido por Walter Salles, o título do projeto evoca a luta pela resistência social. O projeto propõe sessões mensais que abordam narrativas e perspectivas invisibilizadas nos circuitos comerciais, reforçando o papel do audiovisual como instrumento de registro, denúncia e afirmação de identidades.

Dois referenciais teóricos sustentam a proposta. O primeiro é o conceito do “direito de ser filmado”, apresentado por WALTER BENJAMIN (2018) em *A Obra de Arte na Era de sua Reproduzibilidade Técnica*. Benjamin discute como o cinema popularizou a possibilidade de visibilidade a pessoas comuns. Hoje, podemos ampliar essa ideia para o “direito de filmar”, ou seja, a possibilidade de que grupos historicamente marginalizados contem suas próprias histórias, sem mediações externas ou distorções.

O segundo é o manifesto “Eztetyka da Fome”, escrito por Glauber Rocha em 1965, no contexto do Cinema Novo, e republicado em 2013. Rocha defendia um cinema que assumisse as marcas da desigualdade e da violência que atravessam o Brasil, transformando a precariedade de recursos em linguagem e potência política. Para ele, a “fome latina [...] é o nervo de sua própria sociedade”, e a trágica originalidade do Cinema Novo diante do cinema mundial era justamente essa fome, que deveria ser exposta sem maquiagem, como denúncia e consciência crítica.

Nesse manifesto, Rocha rejeita a padronização do cinema industrial e defende que a violência não é primitivismo, mas a mais nobre manifestação cultural da fome, uma estética revolucionária capaz de, pelo horror, expor as estruturas de exploração coloniais. Ele aponta que, enquanto os filmes “digestivos” da elite buscavam esconder a miséria, o Cinema Novo se afirmava pela radicalidade de suas imagens e sons, comprometido com a verdade das ruas, das favelas e das margens.

2. METODOLOGIA

O projeto “Ciclo de Cinema Ainda Estamos Aqui” foi estruturado como atividade de extensão. A metodologia adotada buscou contemplar três eixos principais: curadoria de obras audiovisuais, mediação dialógica e avaliação qualitativa das atividades.

A definição dos filmes a serem exibidos ocorreu a partir de critérios de relevância social, cultural e política, priorizando produções independentes e autorais de grupos historicamente marginalizados. A curadoria levou em consideração a proposta teórica de ROCHA (1965; 2013), que defende um cinema comprometido com a realidade social, e de BENJAMIN (2018), que discute a democratização do direito de ser filmado. Assim, a primeira exibição selecionou o curta *Tupinambá: O Grito Ancestral do Tapajós* (2022), dirigido por Milena Raquel Benvinda Tupinambá.

As sessões foram realizadas no Cine UFPel, espaço universitário destinado à extensão, possibilitando a aproximação entre comunidade acadêmica e sociedade civil. O público-alvo incluiu estudantes de graduação, docentes, membros de comunidades tradicionais e população em geral. A primeira sessão contou, ainda, com a presença da própria diretora da obra, permitindo maior interação entre os realizadores e o público.

Após a exibição do curta, foi conduzida uma roda de conversa mediada por integrantes do PET Fronteiras. A metodologia adotada baseou-se em princípios dialógicos, buscando romper com a lógica unilateral de transmissão de conhecimento. Nesse espaço, foram debatidos os impactos sociais, ambientais e culturais do projeto Ferrogrão, retratado no filme, bem como os processos de produção e circulação do cinema indígena.

A avaliação metodológica foi realizada de forma qualitativa, a partir da observação do nível de engajamento dos participantes, da diversidade de falas durante o debate e do retorno obtido junto à comunidade presente. Além disso, os registros produzidos (anotações e gravações de trechos da roda de conversa) servirão como material para sistematização e futura utilização pedagógica em outras atividades de extensão.

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

A exibição do curta de Benvinda Tupinambá explicitou a potência do audiovisual como instrumento de auto-representação. Mesmo sem formação técnica em cinema, a diretora transformou recursos limitados em linguagem, evocando diretamente a “Eztetyka da Fome” (ROCHA, 1965). As falhas técnicas, reforçaram a urgência da denúncia e o compromisso político da obra.

O impacto mais significativo foi a possibilidade de os próprios povos indígenas narrarem suas histórias, rompendo com estereótipos cristalizados pelo cinema tradicional (NUNES; SILVA; SILVA, 2014). O filme se constituiu como contra-narrativa, confrontando representações coloniais e afirmado a identidade Tupinambá diante da sociedade envolvente.

A roda de conversa permitiu um diálogo interativo, em que os estudantes puderam compreender os desafios enfrentados pelos povos originários diante dos impactos ambientais e sociais do projeto Ferrogrão. Assim, a atividade não apenas exibiu um filme, mas também proporcionou um espaço de escuta e reflexão crítica.

Entre os impactos gerados, destacam-se o fortalecimento da dimensão política do cinema popular, a valorização da produção audiovisual indígena, a aproximação entre universidade, comunidade e povos tradicionais e, ainda, a formação crítica dos estudantes por meio da experiência extensionista.

4. CONSIDERAÇÕES

A primeira sessão do Ciclo de Cinema “Ainda Estamos Aqui” demonstrou o potencial do cinema como ferramenta de resistência cultural e de fortalecimento das identidades. O diálogo com a diretora e os representantes do povo Tupinambá enriqueceu o debate, aproximando o público acadêmico das realidades vividas por essas comunidades e possibilitando reflexões críticas sobre os impactos do desenvolvimento econômico e dos projetos de infraestrutura sobre os povos originários.

Essa experiência reforça o papel do projeto como espaço de mediação cultural, onde a universidade não fala por, mas dialoga com as comunidades, fortalecendo processos de auto-representação e construção de narrativas próprias. Entre os desafios, destaca-se a necessidade de ampliar o alcance do projeto, engajando públicos mais diversos, e de sistematizar as rodas de conversa para consolidar os aprendizados como material pedagógico.

Para as próximas edições, pretende-se expandir a curadoria para produções independentes de diferentes regiões do Brasil, além de aprofundar a reflexão crítica sobre a linguagem do cinema popular e insurgente.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

SOBRENOME, Letras Iniciais dos Nomes. **Título do Livro**. Local de Edição: Editora, ano da publicação.

Ex.: JENNINGS, P.B. **The practice of large animal surgery**. Philadelphia: Saunders, 1985. 2v.

Capítulo de livro

SOBRENOME, Letras Iniciais dos Nomes (do autor do capítulo). Título do capítulo. In: SOBRENOME, Letras Iniciais dos Nomes (Ed., Org., Comp.) **Título do Livro**. Local de Edição: Editora, ano de publicação. Número do Capítulo, p. página inicial – página final do capítulo.

Ex.: GORBAMAN, A.A. comparative pathology of thyroid. In: HAZARD, J.B.; SMITH, D.E. **The thyroid**. Baltimore: Williams & Wilkins, 1964. Cap.2, p.32-48.

Artigo

SOBRENOME, Letras Iniciais dos Nomes. Título do Artigo. **Nome da Revista**, Local de Edição, v.?, n.?, p. página inicial - página final, ano da publicação.

Ex.: MEWIS, I.; ULRICHS, C.H. Action of amorphous diatomaceous earth against different stages of the stored product pests *Tribolium confusum*(Coleoptera: Tenebrionidae), *Tenebrio molitor* (Coleoptera:Tenebrionidae), *Sitophilus granarius* (Coleoptera: Curculionidae) and *Plodia interpunctella* (Lepidoptera: Pyralidae). **Journal of Stored Product Research**, Amsterdam, v.37, n.1, p.153-164, 2001.

Tese/Dissertação/Monografia

SOBRENOME, Letras Iniciais dos Nomes. **Título da tese/dissertação/monografia**. Data de publicação. Tese/Dissertação/monografia (Doutorado/Mestrado/Especialização em ...) - Programa, Universidade.

BENJAMIN, W. A obra de arte na era de sua reproduzibilidade técnica. Porto Alegre: L&PM, 2018.

ROCHA, G. Ezetetyka da fome. Hambre, 2013. (Originalmente publicado em 1965).

TUPINAMBÁ: GRITO ANCESTRAL NO TAPAJÓS. Milena Raquel Benvinda Tupinambá, 2022

NUNES, Karliane Macedo; SILVA, Renato Izidoro da; SILVA, José de Oliveira dos Santos. Cinema indígena: de objeto a sujeito da produção cinematográfica no Polis, Santiago, n. 38, Brasil. <http://journals.openedition.org/polis/10086>. Acesso em: 25 ago. 2025